

Drummond e a Espanha: apontamentos para duas recepções

Ricardo Souza de Carvalho | USP

Resumo: Drummond, em sua obra mais comprometida, aproximou-se da poesia de Federico García Lorca e do cancionero da Guerra Civil Espanhola, do qual traduziu três peças em 1946. Entre os anos 50 e 60, encontrou importantes tradutores de sua poesia na Espanha, como Rafael Santos Torroella e Ángel Crespo, por intermédio do poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto.

Palavras-chave: poesia brasileira, Espanha, tradução.

Sentimento da Espanha

Em outubro de 1937, Carlos Drummond de Andrade escreveu para o *Boletim de Ariel* o artigo “Morte de Federico García Lorca”, ocorrida no ano anterior por adeptos do general Francisco Franco, e que abalou artistas e intelectuais em várias partes do mundo. Mas a indignação já podia ceder espaço para a revelação de um poeta em mais de um sentido exemplar para o público brasileiro:

Porque em García Lorca a Espanha de hoje tinha a sua expressão lírica mais veemente e ao mesmo tempo mais concentrada, mais sutil. Não era homem de partido. Era um poeta, ou seja um indivíduo dotado do poder de recriar os objetos e a atmosfera em que eles se realizam. E era também

poeta no sentido medieval e eterno em que a poesia é dom que se distribui, meio de comunicação entre os homens, efusão lírica da massa concentrando-se num indivíduo e refluindo sobre a massa através dos cânticos que o indivíduo produziu sob sua influência e seu ditado. Sua experiência poética, rica de ensinamentos fecundos, mostra a possibilidade de co-existência de um grande poeta nacional com uma força poética universal. Assim, pôde renovar a tradição gitana dos romances e canções, em versos que têm o colorido forte de Granada, os cheiros e palpitações sensuais daquela terra amorosa, e, ao mesmo tempo, integrar-se na corrente supra-nacional daqueles que, em diferentes países do mundo, conseguiram depurar a poesia de tudo quanto é acidental, insubstancial ou meramente decorativo. A solução harmoniosa desse pseudo mas comprometedor conflito entre o local e o universal é, para mim, a primeira lição de García Lorca. (Entre nós, haverá a quem aproveite).¹

A lição lorquiana vinha sendo bem aproveitada pelo próprio Drummond, que realizava os poemas que comporiam *Sentimento do mundo*. Em um “tempo de homens partidos”, o fato de Lorca não pertencer a um partido político não o impediu de conceber sua poesia como “meio de comunicação entre os homens”. Lorca para Drummond, como também para muitos outros escritores do período, era o grande representante de uma literatura comprometida. O “pseudo conflito entre o local e o universal”, que ainda condicionava a literatura brasileira, seria enfrentado nos poemas iniciais da coletânea de 1940, na qual as “Confidências do itabirano” seguem ao “Sentimento do mundo”. Ainda no artigo de 1937, a última etapa da poesia de Lorca acenava as mudanças na de Drummond: “É o momento em que já não adianta falar a linguagem dos anjos e dos mistérios, em que a poesia tem de ser um protesto ardente e viril.” Em mais de um poema de *A rosa do povo* (1945) tentou esse protesto, motivado pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial.

A admiração de Drummond por Lorca prosseguia dez anos após a sua morte: em julho de 1946, comparecia como Presidente de Honra do Ateneu García Lorca, cuja comissão consultiva reunia os nomes de Cândido Portinari, Cecília Meireles, Jorge Amado, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e Murilo Mendes,

1. ANDRADE, 1937, p. 34-35.

entre outros.² Ainda em outubro desse ano, traduziu três poemas sob o título de “Cancioneiro geral da Guerra Espanhola” para a revista *Literatura*, dirigida por Astrojildo Pereira: “Carta de noiva”, de Félix Paredes, “Romance de noite triste”, de Isabel, e “Pioneira”, de José Antonio Baleontín.³ Durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), escreveu-se na zona republicana muita poesia, principalmente “romances”, forma tradicional da lírica espanhola de caráter narrativo. Parte significativa dessa produção foi reunida em *Romancero general de la Guerra de España*, de 1937, dedicado a Lorca. Entre nomes que se consagrariam na literatura espanhola, como Vicente Aleixandre e Miguel Hernández, Drummond optou pelos menos conhecidos ou anônimos, como Félix Paredes, que contribuiu bastante para essa antologia, com 32 textos. Talvez a referência mais próxima do poeta brasileiro fosse a seleção de Rafael Alberti, que do seu exílio na Argentina editou um *Romancero general de la guerra española*, em 1944.⁴

O Romancero espanhol resgatado por Drummond pode estar relacionado com a presença de longos poemas narrativos em *A rosa do povo*, os importantes “Caso do vestido” e “Morte do leiteiro”, dramas e tragédias cotidianas distantes dos palcos da guerra. “Caso do vestido” e “Carta da noiva”, por exemplo, compartilham o uso do heptassílabo. Como a voz do protesto já não se faria tão segura em sua poesia, “delegou-a” a valentes figuras femininas, desde as palavras decididas da noiva na carta ao soldado – “de paz e valentia / que assim são nossas mulheres” – à “pioneira” que teve o pai morto quando criança e entra na batalha clamando pelo país:

Quando o reclamar
com gritos de guerra
a Espanha que nasce,
Espanha que amaram

2. ANTELO, 1984, p. 290-291. A pesquisa de Antelo localiza a conferência de Drummond no ato de inauguração, publicada no *Correio da manhã*, de 6 de outubro de 1946, além dos artigos “Poetas diante da Espanha” (*Correio da Manhã*, 13 jan. 1946) e “García Lorca” (*Correio do Povo*, Porto Alegre, 10 ago. 1968). Vale lembrar que o poeta traduziu a peça *Dona Rosita, a solteira ou a linhagem das flores* (Rio de Janeiro, Agir, 1959).

3. ANDRADE, 1945, p. 37-40.

4. LECHNER, 2004, p. 288-310.

em sonhos os mártires,
a que nos quiserem
legar nossos pais,
pioneiros! ó crias
da fome e da raiva,
daremos por ela
também nosso sangue.⁵

O “Romance de noite triste”, em consonância com os poemas de *A rosa do povo* que exploram a imagem noturna – “Anoitecer” e “Paisagem da noite” –, focaliza uma Madri de sono sobressaltado por um possível ataque:

Madrilenha triste noite
com clara lua de inverno.
Pesar de tuas estrelas
e teus alegres luzeiros,
por sob o manto de sombras
se filtra só o silêncio.
Vela o bom miliciano,
a todo ruído atento.
Das casas no interior,
repousam crianças, velhos.
Na noite triste, de súbito,
um motor vibra sereno.
Segundo de impaciência:
volta de novo o silêncio.
Agora são asas leais
as que beijaram honradas
dos valentes madrilenhos.
Segue o velho em seu repouso,
no sono o menino segue...
O miliciano, na noite,
está no seu posto. Alerta.⁶

Mas os republicanos perderam a guerra, e fazia sete anos que Franco comandava com mão-de-ferro o país, regime condenado pela ONU em 1945.

5. ANDRADE, 1945, p. 40.

6. ANDRADE, 1945, p. 37-38.

Como contraponto a essas traduções, expressão de um passado recente de luta, Drummond compôs o poema “Notícias de Espanha”, impresso em livro em 1948, na coletânea *Novos poemas*, a última e inédita de *Poesia até agora*. Depois de reiterados pedidos de notícias, o eu lírico recebe o silêncio imposto por uma violenta censura:

Ninguém as dá. O silêncio
sobe mil braças e fecha-se
entre as substâncias mais duras.
Hirto silêncio de muro,
de pano abafando a boca,

de pedra esmagando ramos,
é seco e sujo silêncio
em que se escuta vazar
como no fundo da mina
um caldo grosso e vermelho.⁷

A partir daí, questiona o alcance da própria poesia como protesto e lança um desejo de participação mais radical, a exemplo das mulheres e soldados do Romanceiro da Guerra Civil:

Ah, se eu tivesse navio!
Ah, seu eu soubesse voar!
Mas tenho apenas meu canto,
e que vale um canto? O poeta,
imóvel dentro do verso,

cansado de vã pergunta,
farto de contemplação,
quisera fazer do poema
não uma flor: uma bomba
e com essa bomba romper

o muro que envolve Espanha.⁸

7. ANDRADE, 1992, p. 191.

8. ANDRADE, 1992, p. 191. Ver comentário a esse poema em: CAMILO, 2001, p. 112-115.

No poema seguinte, “A Federico García Lorca”, escrito por ocasião dos dez anos da morte do poeta, a ditadura franquista novamente é repudiada, mas longe da poesia panfletária, sem mencionar nomes e acontecimentos:

Vergonha de há tanto tempo
viveres – se morte é vida –
sob chão onde esporas tinem
e calcam a mais fina grama
e o pensamento mais fino
de amor, de justiça e paz.⁹

Justamente esses dois poemas marcam o fim das experiências de uma poesia mais participativa em Drummond. Por outro lado, o poeta acabou por ter “notícias da Espanha”. João Cabral de Melo Neto, que conhecera em 1940, partia a Barcelona para ocupar seu primeiro posto diplomático no exterior, em 1947, mandando-lhe cartas e livros. Em 10 de abril desse ano, João Cabral anunciou-lhe o envio de uma antologia de poesia espanhola contemporânea, organizada por González Ruano.¹⁰ Mas advertia a presença até dos “Lêdos Ivos” dali, alusão irônica a um dos representantes da Geração de 45, que no seu apreço à forma encontraria paralelos na Espanha com o grupo da revista *Garcilaso*, fundada em 1943. Em carta de 3 de junho, quer confirmar se o amigo realmente recebeu a antologia, adiantando seu juízo: “Como se vê, o que aqui sobrou da Revolução não foi grande coisa. E os mais jovens estão muito entregues à poesia em Cristo e ao inânimo ar de sacristia que se respira aqui.”¹¹ A força combativa que Drummond encontrara em Lorca e no Romanceiro da Guerra Civil fora brutalmente atingida pela ditadura, com a própria morte ou o exílio de muitos poetas.

Além disso, Drummond conheceu em primeira mão a nova poesia em catalão: em 9 de outubro de 1948, Cabral mandou-lhe as traduções que fizera dos jovens poetas catalães, publicadas na *Revista brasileira de poesia*, em fevereiro do ano seguinte.¹² Embora não haja uma carta ou outro registro que revele seu

9. ANDRADE, 1992, p. 192. Ver comentário a esse poema em: CAMILO, 2001, p. 115-117.

10. SÜSSEKIND, 2001, p. 219.

11. SÜSSEKIND, 2001, p. 221.

12. SÜSSEKIND, 2001, p. 227.

parecer sobre tal produção, podemos supor que o poeta que caminhava em direção a *Claro enigma* (1951) não tenha ficado indiferente a poetas conscientes de seu ofício, ao defender a língua catalã frente à proibição e ameaça do castelhano. Assim como há mais de dez anos atrás Drummond apontara a lição de Lorca, dessa vez Cabral alertava que os catalães representavam uma “sugestão digna de ser considerada por parte de poetas de outros idiomas não ameaçados.”¹³

Drummond em espanhol

Cabral funcionou como a porta de entrada de Drummond junto aos leitores espanhóis. A primeira divulgação da poesia drummondiana na Espanha de que se tem notícia ficou a cargo do poeta Alfonso Pinto: dois poemas de Carlos Drummond de Andrade integraram a *Antología de poetas brasileños*, que contava ainda com Murilo Mendes, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt e Vinícius de Moraes. Em carta de 5 de janeiro de 1950, Drummond agradecia o envio da pequena caixa com plaquetes autônomas editadas seguramente no ano anterior pela Minerva de Cabral sob o selo O Livro Inconsútil.¹⁴

Cabral também revelou a Rafael Santos Torroella, poeta e promotor da arte de vanguarda em Barcelona, a poesia de Drummond. Em carta de 31 de outubro de 1950, Cabral pede a autorização do amigo para Torroella publicar traduções de poemas dele:

[...] Creio que v. deve mandá-la. A editora é, politicamente, a mais limpa. E o tradutor é ainda mais limpo do que a editora. Outro motivo: apesar de funcionário do Itamarati, não há nada que me irrite mais do que a propaganda cultural tipo “Roberto Assunção, Divisão Cultural & Ibeccs, Ltd”. Como sei que a v. esse tipo de coisas não agrada, tranquilizo-o: a iniciativa do Santos não tem nada disso: foi determinada pela pura admiração pela sua poesia, admiração completamente à margem de entendimentos oficiais. Quanto à qualidade literária das traduções, v. mesmo verá.¹⁵

13. SÜSSEKIND, 2001, p. 279.

14. SÜSSEKIND, 2001, p. 232.

15. SÜSSEKIND, 2001, p. 236.

Drummond acabou autorizando, e uma seleção de seus *Poemas* em espanhol saiu na coleção “Adonais”, da Editora Rialp, em 1951. Por causa disso, os dois poetas mantiveram uma pequena correspondência. As cartas de Torroella estão depositadas no acervo de Drummond no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (Fundação Casa Rui Barbosa). Em carta de 12 de dezembro de 1950, enviou ao brasileiro o texto “Breve noticia de Carlos Drummond de Andrade”, prefácio à edição das traduções. Contudo, o diálogo epistolar não prosseguiu, pois, dos 12 documentos, a maioria trata-se de cartões de fim de ano ilustrados e com poemas de Torroella. Quanto às cartas de Drummond, conservam-se no Arquivo de Torroella, aos cuidados da viúva, Maite Santos Torroella. Recentemente, uma carta de 1953 que trazia um poema de Drummond em homenagem a Torroella fizeram parte da Exposição *Rafael Santos Torroella: en los márgenes de la poesía y el arte*, em Salamanca, de 5 de novembro a 19 de dezembro de 2004.

Do tradutor ao poeta, Torroella dedicou-lhe o poema “Poética para ciertos días”, da coletânea *Nadie: poemas del avión* (1954), seguindo os passos das poéticas que abrem *A rosa do povo*, “Consideração do poema” e “Procura da poesia”:

[...]

Quiero decirle al amigo
que no nos entendemos, a pesar del poema.
Decirle que ciertos días
el poema ha de ser la piedra que rompa los cristales,
ha de ser la palabra de no quedarse solo,
la súbita alegría de perder la memoria,
de morir más de prisa y colmado entre las cosas.¹⁶

Passando à década de 60, Cabral provavelmente apresentou a poesia de Drummond ao poeta Ángel Crespo. Na importante revista *Poesía española*, dirigida por Crespo e Gabino-Alejandro Carriedo entre 1960 e 1963, estampou-se no suplemento “Poesía del mundo”, tradução do poeta brasileiro com nota biobibliográfica, e o poema “Noticia a Carlos Drummond” de José Agustín Goytisolo.

Em 1962, Crespo assumiu a direção da *Revista de cultura brasileña*, idealizada por Cabral e editada pela Embaixada brasileira em Madri. O periódico constituiu-se em um importante veículo para a divulgação da literatura brasileira

16. TORROELLA, 1996, p. 53-54.

na Espanha, principalmente da poesia de vanguarda, a partir de longos ensaios sobre o concretismo, a poesia-práxis, entre outros. Em “Situación de la poesía concreta”, escrito por Crespo e Pilar Gómez Bedate para o número de 5 de junho de 1963, *Lição de coisa*, lançado no ano anterior, aparece como exemplo de aproximação da geração modernista ao concretismo, embora o poeta diga que “pratica nele, antes de mais nada, a violação e desintegração da palavra, sem se aderir, no entanto, a nenhuma receita poética vigente.”¹⁷ Nesse sentido, em 30 de abril de 1964, Crespo e Pilar enviam-lhe um questionário sobre a literatura brasileira de vanguarda, com um estudo a esse respeito.¹⁸ As respostas de vários escritores e críticos brasileiros formariam o número extraordinário sobre literatura de vanguarda da *Revista de cultura brasileira*, em dezembro desse ano, da qual não consta nenhum depoimento de Drummond.

Em relação às traduções, já no terceiro número, de dezembro de 1962, saem os “Poemas de Carlos Drummond de Andrade” por Crespo, em colaboração com Dámaso Alonso.¹⁹ Na nota preliminar, apresentam *A rosa do povo* como “livro central no desenvolvimento poético de Drummond”;²⁰ assim não é de se estranhar que a grande parte dos poemas selecionados tenha saído desse livro. Se Drummond e Cabral recomendaram autores espanhóis aos brasileiros, seria a vez de Crespo e Dámaso sinalizarem a importância da literatura brasileira. Em um momento em que na poesia espanhola predominava a vertente “social” sem maiores preocupações estéticas, a coletânea de 1945 ainda poderia ser uma grande referência:

Sua imersão na realidade, não carente de humor nem de um agudo sentido crítico, leva-o, após havê-la transcendido, a seu livro *A rosa do povo*, no qual reage contra o desenraizamento e a tragédia de um mundo em chamas, inclinando-se, sem falsos sentimentalismos, pela liberdade e pela paz. Mas não vamos pensando em uma poesia panfletária ou na

17. CRESPO; BEDATE, 1963, p. 123.

18. Arquivo-Museu Literatura Brasileira (Casa Fundação Rui Barbosa). O acervo conserva ainda uma carta de Crespo de 8 de janeiro de 1975.

19. Na mesma revista, ainda apareceriam “Algunos poemas de Carlos Drummond de Andrade”, em tradução de Crespo, no número de 27 de dezembro de 1968.

20. CRESPO; BEDATE, 1968, p. 167.

que se proponham soluções utópicas, perdendo assim o poeta as estribeiras e metendo-se a reformador. Drummond de Andrade se limita a colocar em primeiro plano o medo (leia-se nossa tradução do poema “Congresso internacional do Medo”), o protesto e a esperança, mas é suficientemente elegante e reservado – bastante mineiro – para não tentar uma atitude profética.²¹

Esses apontamentos sobre uma recepção de mão dupla – da Espanha na obra de Drummond e de Drummond na Espanha – confirmam a dimensão internacionalista do poeta, que não apenas estava integrado às grandes vozes líricas do século XX, como também poderia intervir em outras tradições literárias.

Abstract: Carlos Drummond de Andrade was a great Lorca's enthusiast and translated three poetry about the Spanish Civil War. In Spain, his poetry was translated by Rafael Santos Torrella and Ángel Crespo, poet and diplomat João Cabral de Melo's friends.

Keywords: Brazilian poetry, Spain, translation.

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. Cancioneiro Geral da Guerra Espanhola. *Literatura*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 37-40, out. 1945.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Morte de Federico Garcia Lorca. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, a. 7, p. 34-35, out. 1937.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poemas*. Tradução de Rafael Santos Torroella. Madri: Ed. Rialp, 1951.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.
- ANTELO, Raul. *Literatura*. São Paulo: Ática, 1984.
- CAMILO, Vagner. *Drummond: da rosa do povo à rosa das trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CRESPO, Ángel. Algunos poemas de Carlos Drummond de Andrade. *Revista de cultura brasileña*, Madri, n. 27, p. 379-392, dez. 1968.
- CRESPO, Ángel; ALONSO, Damaso. Poemas de Carlos Drummond de Andrade. *Revista de cultura brasileña*, Madri, n. 3, p. 165-184, dez. 1968.

21. CRESPO; BEDATE, 1968, p. 170.

CRESPO, Ángel; BEDATE, Pilar Gómez. Situación de la poesía concreta. *Revista de cultura brasileña*, Madri, n. 5, p. 89-123, jun. 1963.

LECHNER, Jan. *El compromiso en la poesía española del siglo XX*. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante, 2004.

SÜSSEKIND, Flora (Org.). *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Edições Casa de Rui Barbosa, 2001.

TORROELLA, Rafael Santos. *En los márgenes de la poesía y el arte*. Salamanca: [s.n.], de 5 de noviembre a 19 de dezembro de 2004.

TORROELLA, Rafael Santos. *Obra poética*. Madri: Visor Libros/Publicaciones de la Residencia de Estudiantes, 1996.